

## SYNTAXE IRREGULAR OU FIGURADA

DE

### CONCORDANCIA

\* Syllepse

460. **Syntaxe irregular** ou **figurada** de concordancia consiste em se operar a concordancia do **verbo**, **adjectivo** ou **pronome** não com o termo expresso, porém com um termo **latente**, facilmente subentendido pelo sentido da phrase ou intenção do que fala. Esta concordancia *latente*, *logica* ou *semiotica* constitue a figura de concordancia denominada — **syllepse**.

461. **Syllepse** (*gr.* = *syn* = *com*, *lepsis* = *tomada* = *comprehensão*) é a figura de syntaxe em que um dos elementos correlacionados de concordancia não se acha expresso, mas é mentalmente supprido, p. ex.: «Vossa Excellencia é *generoso*», subentende-se—*homem* (*generoso*).

462. A **syllepse** pode ser de **genero** ou de **numero**.

463. A **syllepse** de **genero** dá-se:

1.º Na concordancia do adjectivo com o nome subentendido nas expressões de tractamento, exs.: «V. M. é (rei) *poderoso*» — «V. A. é (principe) *boudoso*» — «V. S.ª está *nomeado*» — «V. está *illudido*».

2.º Com os nomes proprios de *ciudades* e *rios* operando a concordancia mental com estes appellativos da classe, exs.: «*A luxuriosa* Carthago foi *destruida*» — «O Sena corre *manso* através de Paris, cidade edificada em tempos *inmemoriaes*».

3.º Em phrases como estas: «Conheci uma criança de indole imperiosa e má, cuja nascença custara a vida a sua mãe. Mimos e castigos pouco podiam com *elle*; mas em lhe falando na mãe e no que lhe custara para lhe dar a vida, *o infeliz*, que nunca a vira, enternecia-se». (G. apud L. da Silva Pereira).

464. **Syllepse de numero** dá-se :

1.º Quando, sendo o sujeito **collectivo** no singular, vae, entretanto, o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade logica do collectivo, exs. :

«*Povoavam* os degraus *muita sorte* de gente» (M. B.)— «*Estavam pegadas* com elle *uma infinidade* de homens» (Fr. L. de S.)— «Simão Mago appellidou um dia todo o *povo* para o *verem* subir ao céo. (A. V.).

«Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exercito*, ao som de muitos instrumentos bellicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos nossos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas» (J. Freire).

**Nota.** — Esta syllepse se realiza sempre que o espirito concebe a acção verbal practicada não pela collectividade como um todo, porém separadamente pelos individuos, p. ex. : «*A maxima parte dos homens morrem* antes dos cincoenta» — «*Grande numero de insectos tem* vida curtissima». (A. G. R. Vasconcelloz.)

2.º Quando os pronomes **nós** e **vós** são empregados por **eu** e **tu**, póde o predicado nominal ir para o *singular* concordando com a *idéa*, exs. : «Antes sejam *breve* que *prolixo*» (J. de B.) — «Apezar da extremada benevolencia com que fomos *acolhido*, disseram-nos...» (J. de Castilho) — «*Chegado*, porém, á conclusão deste livro, pôr-lhe-hemos remate com uma reflexão» (A. H.) — «*Vós estaes enganado*» — «*Sêde juiz* entre nós».

**Obs.** — Preferem muitos a concordancia regular : «Somos *chegados* com a historia aos annos do Senhor» (Fr. L. de S.) — «Somos *chegados* ao ultimo sonho de Xavier» (A. V.) — «Mui *felizes* nós, se... fizemos numa ou noutra nota reconhecer a divina toada dessas canções inimitaveis». (A. C.) — «Estamos *persuadidos* de que, ao menos em grande numero destes, a conversão era fingida» (A. H.) — «A este digno official somos *devedores* pelo que nos tem auxiliado». (L. C.)

## SYNTAXE REGULAR

DE

### REGENCIA

465. Os termos da proposição em sua combinação logica para a expressão do pensamento mantem entre si duas *relações fundamentais*: a relação de **co-ordenação** e a de **subordinação**.

A relação de subordinação ou dependencia dos termos uns dos outros é o objecto de syntaxe de regencia.

466. **Regencia grammatical** é a propriedade de terem certas palavras outras palavras sob sua dependencia, para lhes completar ou explicar o sentido.

As primeiras chamam-se **regentes** ou **subordinantes**, e as outras **regidas** ou **subordinadas**.

467. As **relações de regencia** são indicadas na phrase de dous modos — pela **posição** e pela **preposição**.

468. A **posição** revela o sujeito e o objecto: em regra o *sujeito* põe-se immediatamente **antes** do *predicado* que elle rege, e o *objecto* immediatamente **depois** do *predicado* de que é regido, p. ex.: «*O filho ama o pae*» — «*O pae ama o filho*».

469. O **sujeito** e o **predicado** reclamam-se reciprocamente, este como **regido** e aquelle como **regente**. Todavia ha **predicados** que exprimem factos em si completos sem qualquer **sujeito determinado**: — *Chove* — *Está chovendo* — *Anoitece*, etc..

470. Estes *predicados* dizem-se de **sujeito indeterminado**, e são expressos pelos verbos **impessoaes** (§ 249), exs.: «*Chove a cantaros*» — «*Troveja ao longe*» — «*Amanheceu cedo*» — «*Tem anoitecido sempre ás seis horas*» — «*Pode escurecer de repente*».

Além dos verbos *essencialmente impessoaes*, que são os que denotam phenomenos da natureza inorganica, ou, antes, phenomenos meteorologicos, outros ha *accidentalmente impessoaes*. Destes ha dois grupos: *a)* uns que se tornam impessoaes na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, e *b)* outros na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural.

*a)* No primeiro grupo ha duas categorias :

1.<sup>a</sup> Os **impessoaes** na voz activa: « *Ha* homens que, ainda depois de falar, são mudos: falam pelo que dizem, e são mudos pelo que calam ». (A. V.) — « *Cá e lá* más fadas *ha* » — « *Faz* dezoito annos que se proclamou a republica no Brasil » — « *Tres annos faz* » (M. B.) — « *E'* tarde, *é* cedo, *é* muito dia, *era* noite alta, *faz* calor, *fez* frio (em) esta noite, *fazia* escuro. »

**Obs.** — Dá-se, às vezes, no portuguez o que é commum no francez e no inglez: o apparecimento de um pronome como sujeito *ficticio* desses verbos impessoaes: « *Elle é* ainda muito dia » (A. P.) — « *Pois, si elle* ha dores como laminas de ferro » (C. C. B.). E' isto imitação da linguagem popular onde não raro apparecem essas construcções: « *Elle* pode chover, *elle* vai haver tempestade ».

2.<sup>a</sup> Os **impessoaes** na voz passiva: « A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde *se sae*, outra porta de diamante por onde *se entra* á eternidade » (A. V.) — « *Queremos* ir ao céo, mas não *queremos* ir por onde *se vae* ao céo » (A. V.) — « *Só alli se vive* sem desejo, sem temor... » (A. V.) — *Vive-se* — *Passeia-se*.

*b)* No segundo grupo o verbo se torna impessoal na voz activa, dando-se isso com os verbos *dizer*, *contar*, *relatar*, *julgar*, etc., nas seguintes e semelhantes phrases: « *Dizem* que ha gozos no correr da vida » (C. de Abreu) — « *Contam* que elle falleceu ».

Tornam-se *unipessoaes* estes verbos na fórma passiva: « *Diz-se* que ha gozos no correr da vida » — « *Conta-se* que elle falleceu ».

**Obs. 1.<sup>a</sup>** -- O verbo **haver** conserva nestas construcções sua accepção transitiva de **ter, possuir**, sendo objecto o substantivo que se lhe segue.

Quer Moraes e com elle outros grammaticos que ao verbo **haver** nessas phrases se *determine* ou *subentenda* sujeito do singular adequado, p. ex.: «*Ha iguarias*, isto é, *A mesa ha iguarias* — *Ha fructas*, isto é, *A estação ha fructas* — *Ha homens*, isto é, *A sociedade ha homens*». A artificialidade desse processo se revela não só no facto de jamais tolerar a lingua taes construcções, como no facto commum de se construirem esses sujeitos imaginarios em complementos circumstanciaes, p. ex.: «*Ha iguarias na mesa*» — «*Ha fructas nesta estação*» — «*Ha homens na sociedade*».

Querem alguns que na phrase «*Faz dezoito annos que se proclamou a republica*», o sujeito seja a oração — *que se proclamou a republica*. E' manifestamente erronea tal analyse, pois que essa oração é equivalente a um complemento circumstancial de tempo, e pôde ser expressa do seguinte modo: «*Faz dezoito annos desde que se proclamou a republica*». O facto é que esses verbos, como os *impessoaes proprios*, tem sujeito *indeterminado*, e qualquer *determinação* dá logar a uma analyse rebuscada e artificial.

**Obs. 2.<sup>a</sup>** — Quer Moraes que se empregue *impessoalmente* o verbo **dar** na phrase — *Deu dez horas*, subentendendo-se o sujeito *relogio*. Si, porém, dissermos — *Deu dez horas no relogio da torre*, já se torna necessario irmos á caça de outro sujeito. Consta-lhe Constancio a vernaculidade da phrase, dizendo que *dez horas* é o sujeito, e que a phrase correcta é: *Deram dez horas*. De facto esta construcção é a mais commum nos escriptores de boa nota. «*Deram seis horas*» (J. F. Lisboa) — «*Deram as onze ao entrarmos na poisada*» (A. C.). Dir-se-á todavia correctamente: «*O relogio deu dez horas*», como faz A. Herculano.

471. Os verbos **auxiliares** *ter* e *haver*, bem como *poder* e *dever*, formando os tempos periphrasticos dos verbos *impessoaes*, tornam-se por isso mesmo *impessoaes*, exs.: «*Tem chorido muito*» — «*Póde anoitecer antes de chegarmos*» — «*Deve haver fructas este anno*» — «*Possa haver homens capazes de glorificar nossa patria*» — «*Poderá fazer dezoito annos que se proclamou a emancipação dos escravos*».

472. Os **impessoaes** podem tornar-se **pessoaes**:

a) Em sentido **proprio**, dando-se-lhe sujeito adequado: «*Si chove o céu, a todos molha*» (A. V.) — «*Amanheceu claro o dia*» — «*As nuvens trovejaram*».

b) Em sentido **translato** ou **figurado**:  
— « Elle *choveu improperios* » — « O povo *trovejava garga-  
lhadas* » (C. C. B.) — « *Chovem odios*, que, em se evaporan-  
do, terão feito desabrolhar bemquerenças » (A. C.).

473. O **sujeito** não pode estar subordinado a outra palavra, e por isso não pode ser regido de preposição. E', portanto, condemnavel a seguinte construcção: Em vez *dos* ladrões levarem os reis ao inferno » (A. V.) — « E' tempo *dos* patriotas erguerem-se ». A preposição rege o verbo e não o sujeito, por isso não deve contrahir-se com o artigo que determina o sujeito. Dir-se-á, pois: « E' tempo *de* os patriotas erguerem-se, ou, melhor: « E' tempo *de* erguerem-se os patriotas ». Ex.: « Quando os inglezes se rirem *de elles* terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos. » (A. H.)

474. A regra antecedente, abonada por Grivet, sujeita-se, entretanto, ás seguintes *excepções*:

1.<sup>a</sup> Quando o sujeito do infinito de certos verbos se põe em relação complementar com o verbo que rege esse infinito: « Eu fiz vêr isto *a Carlos* » — « Ouvi *a meu pae* dizer » — « Deixem *aos chacaes* o revolverem sepulturas, e cevarem em ossos. » (A. C.)

2.<sup>a</sup> Quando o sujeito é um verbo no infinitivo, apparece ás vezes, em escriptores de boa nota, a preposição **de**: « Desaire real seria *de a deixar sem premio* » (G.) — « Bello é *de imaginar este varão rusticando*. » (A. C.)

**Obs.**—A preposição que rege o infinito não se contrae com o objecto anteposto: « Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras » (A. C.) — « Fiz *por os* ligar. » (G.) Nem sempre se dá o mesmo com a preposição **per**: « Forecjam *pelo* explicar » (A. C.).

475. O **objecto** regido pelo *predicado*, que é sempre, neste caso, um verbo *transitivo*, a elle se prende pela sua simples *posição*, a não ser nos casos já mencionados em que se interpõe a preposição **a**: « Gente que segue *o torpe Mafamede* » (C.) — « Quem ama *Bel-trão*, ama seu *cão* ».

476. Qualquer verbo **transitivo** pôde tornar-se **intransitivo**, empregado em sentido absoluto, sem objecto expresso ou subentendido, por ex.: «O preguiçoso *quer e não quer*, mas a alma dos que trabalham *engordará*» (A. P.).

477. Reciprocamente, muitos **intransitivos** tornam-se **transitivos** do seguinte modo:

a) Dando-se-lhe por objecto um substantivo **cognato** do verbo, ou synonymo do cognato, acompanhado de um **adjuncto attributivo**: exs.: «Elle viveu *vida feliz e annos regalados*» — «Vivamos *o seu viver*, e pratiquemos *o seu praticar*» (A. C.) — «Morrerás *morte vil da mão de um forte*» (G. D.) «Elle chorará *lagrimas amargas e dores sem termo*» — «A criança brinca *maus brinquedos*» — «O viajante caminha *longas jornadas*» — «O guerreiro feriu *largas feridas, golpes feros e cruentas requestas*» — «A juventude sonha *bellos sonhos e risonha felicidade*» — «Jonas dormia *profundo somno* no porão do navio» — «Cavalgava ella *fogoso ginete*».

b) Com os verbos **causativos** ou **factitivos**.

Verbos **causativos** ou **factitivos** são os verbos intransitivos que assumem o caracter de uma actividade **facticia** que se communica a um objecto. Estes verbos podem-se paraphrasear com os verbos *fazer* ou *tornar*, exs.: «Eu *adormeci* a dor, isto é *fiz adormecer* a dor» — «Elle lhe *creeceu* o ordenado, isto é, lhe *fez crescer* o ordenado» — «Elle *entrou* estacas no chão, isto é, *fez entrar* estacas no chão» — «O general *cessou* o ataque, isto é, *fez cessar* o ataque» — «O cão *correu* a caça, isto é, *fez correr* a caça» — «O sol *seccou* a roupa, isto é, *tornou secca* a roupa» — «O frio *murchou* as plantas, isto é, *tornou murchas* as plantas».

c) Com a auctoridade de escriptores abalizados, exs.: *Andei longes terras, lidei cruas guerras* (G. D.) — *Corri montes e valles* — *Subi e desci o rio* — *Bradei socorro* — *Gritei o cão* — *Calei razões* — *Anhelei os bens*

*eternos*.— *Errei o caminho, passei a ponte e saltei o vallo*  
— *Passei frio e fome* — *O tempo não soffre delongas* —  
*Passei todo o jardim.*

**Nota.** — O verbo **poder** rege accusativo ou objecto representado por um pronome neutro: «O *que* eu já pude, posso-o ainda hoje» (A. C.). Explicam alguns este objecto com a ellipse do verbo *fazer*: *Elle pode tudo*, isto é, *elle pode fazer tudo*.

478. Os verbos *custar*, *pesar* e *valer* assumem um character *ficticio* de transitivos quando teem por *objecto* os substantivos que indicam o *custo*, *peso* ou *valor*, p. ex.: «Isto custa *dez mil réis*, pesa *tres arrobas* e vale *muita coisa*».

479. Duas ou mais palavras podem ter um complemento *commum* desde que tenha a mesma regencia, exs.: «O desejo e o amor *da gloria*» — «Elle deseja e ama *a gloria*».

Seria incorrecto dizer-se: «Elle é infenso e incapaz de *amizade*» — «Eu conheço e gósto *deste livro*». Dir-se-á: «Elle é infenso *á amizade* e *della incapaz*» — «Eu conheço *este livro* e gósto *delle*».

**Nota.** — Sendo complemento *commum* a dois ou mais verbos o pronome obliquo, é anteposto ao primeiro verbo: «Eu o vi e saudei» — «*Nella se* consubstanciavam e resumem as feições...» (L. C.)

480. Alguns verbos *transitivos* são empregados pelos classicos como *relativos*, regendo a preposição **de**: «Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos, e partirás quando quizeres» (R. Lobo) — «Tirou o freio aos cavallos, porque pascessem *da* herva» (F. M. Mello) — «Ao longo de uma ribeira folgando e apanhando *das* flores» — «Nunca digas: *Dest*a agua não beberei, *deste* pão não comerei».

**Nota.** — Pela suppressão do objecto—*uma parte ou porção*, o verbo passou para a categoria dos *relativos*. Grammaticos ha que analysam á franceza essas expressões, e consideram o verbo *transitivo*, dando á preposição *de* o valor do partitivo francez — *du, de la, des*.



481. Verbos ha que teem **dupla, tripla** e até **quadrupla regencia**, como, p. ex.: *usar isto* ou *disto*, *cumprir o dever* ou *com o dever*, *precisar o doutor* ou *do doutor*, *pegar a penna*, *na penna* ou *da penna*, *arrancar a faca* ou *da faca*, *tirar a espada* ou *da espada*, *subir a escada* ou *na escada* ou *pela escada*, *passar a ponte*, *na ponte* ou *pela ponte*, *presidir o congresso* ou *ao congresso*, *preceder o cortejo* ou *ao cortejo*, *attender o pedido* ou *ao pedido*, *responder a carta* ou *á carta*, *fazer que elle visse* ou *fazer com que elle viesse*, *querel-o* e *querer-lhe*, *esperar o amigo*, *pelo amigo*, *do amigo* e *no amigo*.

A mudança de regencia implica ás vezes mudança de sentido; assim *querer alguma pessoa ou alguma cousa* é desejal-as, e *querer a alguma pessoa ou a alguma cousa* é estimal-as, amal-as, querer bem a ellas; dahi a differença entre *eu lhe quero* e *eu o quero*.

**Nota.** — O verbo *obedecer* foi empregado por A. Vieira *transitivamente*: *obedecer-o*; hoje, porém, só é empregado *relativamente*: *obedecer-lhe*, *obedecer á ordem*. Não obstante, é elle empregado, como os verbos transitivos, na voz passiva: *A ordem foi obedecida*.

**Obs.** — O verbo *começar*, seguido do infinito, admittia, no portuguez antigo, tres regencias: *começar fazer*, *a fazer* e *de fazer*. Archaizou-se a primeira regencia.—Nota-se ainda hoje a tendencia, que foi outr'ora de largo uso classico, de se pospor a preposição **de** a muitos outros verbos (transitivos) seguidos de infinito: *Desejar de*, *determinar de*, *esperar de*, *ousar de*, *reacar de*, *excusar de*, *dignar-se de*, *propor de*, *costumar de*, *affectar de*, etc. Exs.: «Receio *de* não responder como deves» (F. E.) — «E vos prometto *de* estar pelo que elle diga» (C. F. E.) — «Tenho proposto *de* o traduzir» (E. E.) — «Affectei *de* o tratar de igual a igual» (F. E.) — «Usa *de* sustentar-se com o facil rabusco de antigos periodicos» (A. C.) — «Nunca se digna *de* cantar» (A. C.) — «Não merecia *de* ter morrido» (A. C.) — «Determina *de* se casar com a princeza Julieta» (A. C.) — «Continuarem *de* consentir» (A. C.) — «Escusa *de* esfalfar-se» (A. C.) — «Juro *de* o procrever» (A. C.) — «Aos que desejaram *de* o saber» (A. C.) — «Não receio *de* saltar por cima do cadaver do monge» (A. H.) —

«O tracto mercantil principiou *de* rasgar mais largo vôo». (L. C.) — «Sucedendo *de* passar pela rua de S. Antão». (L. C.) — «Pegou *de* berrar que tudo aquillo era impostura» (C. C. B.).

A preposição **de** apparece às vezes mesmo quando o infinito é sujeito : «Desaire real seria *de a deixar sem premio*» (G.) — «E' seu proposito *de mor gloria lhe dar no ignoto oriente*» (G.) — «Ainda agora nos não pesa *de o havermos feito*». (A. C.)

Tal syntaxe, porém, é archaica, e vae desapparecendo dos bons escriptores.

482. Muitos verbos **transitivos**, seguidos de um infinito, assumem facultativamente a preposição **de** : *Devo falar* ou *de falar*, *preciso estar* ou *de estar*, *devo escrever* ou *de escrever*.

**Nota.** — O apparecimento de uma preposição após um verbo **transitivo** determina a passagem deste verbo para a categoria dos **relativos**, desde que essa preposição não é a preposição **a** avocada eventualmente pela clareza da phrase.

**Obs.** — Alguns verbos empregam-se hodiernamente, em geral, com regencia diversa da que tinham em nossos classicos, p. ex. : *agradar*, *desagradar*, *succeder*, *perdoar*, *soccorrer*, citados pelo illustre grammatico bahiano, o Dr. Ernesto Carneiro. Assim, em vez de — *agradal o*, *desagradal-o*, *sucedel-o*, *perdoal-o*, *soccorrer-lhe*, dir-se-á : *agradar-lhe*, *desagradar-lhe*, *succeder-lhe*, *soccorrel-o*.

## SYNTAXE IRREGULAR OU FIGURADA

DE

### REGENCIA

483. As irregularidades na regencia dos termos determinam tres **figuras**, que, usadas criteriosamente, trazem concisão, viveza e elegancia á phrase; são ellas :

**Ellipse**

**Pleonasmo**

**Anacolutho**

**Idiotismo.**

484. **Ellipse** é a figura de syntaxe que consiste na supressão de termos facilmente subentendidos.

**Obs.** — Observa criteriosamente Andres Bello, em sua *Gramática de la Lengua Castellana*, que deixa de haver ellipse desde que a palavra supprimida já não apparece mais no uso vigente da lingua, de modo que as palavras entre as quaes mediava outr'ora o termo elidido contraem entre si vinculo natural e directo. Ao espirito não se apresenta mais esse termo, não existe elle tacitamente: é uma ellipse que pertence apenas aos antecedentes historicos da lingua.

485. **Ellipse do sujeito:**

«Já vi (*eu*) cruas brigas» — «Não deixes (*tu*) para amanhã o que podes (*tu*) fazer hoje» — «A embira cede a custo, sim; mas (*a embira*) cede».

**Nota.** — Quando se quer dar emphase á expressão e contrastar os diversos sujeitos, não se emprega a ellipse: «Eu pasmo! eu tremo! eu gelo! eu me arripio!» (A. C.) — «Agora *tu*, Calliope, me ensina» (C.) — «O que quereis que os homens vos façam, fazei *vós* a elles» — «Esses Turcos e Janizaros, que deste logar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cerco perderam; porém nem *elles* valem mais que os então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os vencedores» (Jacinto Freire).

486. **Ellipse do verbo:**

«No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto damno!  
Tantas vezes a morte (*é*) apercebida!  
Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida (*há*)!»

— «A torre de S. Thiago entregou a Alonso de Bonifacio, escrivão da alfandega; o baluarte S. Tomé, (*entregou*) a Luiz de Souza; o de S. João, (*entregou*) a Gil Coutinho; o que fica sobre a porta, (*entregou*) a Antonio Freire, etc.» (J. Freire).

**Nota.** — Dá-se o nome de **zeugma** a esta ultima especie de ellipse.

«Uns que, por (*serem*) inuteis, não foram recebidos» (J. Freire) — «Ainda que o amava por (*ser*) valeroso, lhe era pouco affeiçãoado por (*ser*) activo» (Idem) — «Os nossos, sobre (*serem*) tão poucos, vencidos do

trabalho» (Id., apud E. Dias)—«Dar mostras de (*ser*) insoffrida» (A. C.)—«Merece (*ser*) lida»—«Não sei que (*posso*) fazer»—«Não ha um momento que (*possamos*) perder» (A. H.)—«Quando tiverdes medida por onde (*possaes*) afferir» (A. H.)—«Acharás facilmente soldados com que (*possas*) guarnecer teus muros» (A. C.)—«Uma figura... de disforme e grandissima estatura, (*tendo*) o rosto carregado, (*tendo*) a barba esqualida, (*tendo*) os olhos encovados, e (*tendo*) a postura medonha e má, e (*tendo*) a cor terrena e pallida, (*tendo*) cheios de terra e crespos os cabellos, (*tendo*) a bocca negra, (*tendo*) os dentes amarellos»—«Os termos para serem entendidos do leitor estudioso não hão mister (*ser*) definidos» (A. J. Viale)—«A anedota merece (*ser*) referida» (J. F. Lisboa)—«Esta effigie carece de (*ser*) contemplada» (A. C.)—«Essas precisam (*ser*) desagravadas.» (G.)

#### 487. **Ellipse da ligação:**

«Quando elle já tornou, estava a Côrte aposentada naquell'outra cidade; mas chegou, (*em*) um dia e (*em*) o outro partiu» (B. Ribeiro)—«Barbas (*de*) côr de neve»—«Défrente estava outro vulto que representava um homem de mais de trinta annos, magro, (*de*) estatura regular, (*de*) testa comprida» (A. H.)—«Desceu (*pelo*) rio abaixo»—«Seguiu (*por*) seu caminho»—«Ir foz em fóra» = ir pela foz em fóra, ou ir em fóra da foz»—«Espada em punho, abriu caminho» = Com a espada em punho, abriu caminho»—«Navegar (*com*) vento á popa»—«Dormiu (*durante*) duas horas»—«Velava (*durante*) dias e noites». — «E' a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas e (*que*) quanto mais come e consome, menos se farta» (A. V.)—«Requeiro (*que*) me consinta deixar o mundo e as armas» (F. E.)—«Allumia minh'alma, (*para que*) não se cegue no perigo em que está» (A. Ferreira)—«Cuido (*que*) me seguireis» (G.)—«A França lhe pedia (*que*) annullasse» (A. H.)—«Peço-vos (*que*) mandeis inscrever-me»—«Mandou (*que*) se gravasse» (A. C.)—«Os lirios

com o seu azul finissimo, parece (*que*) estão gritando: Oh! céo! oh! alturas!» (M. B.)

**Nota.** — E' frequente e elegante a ellipse da conjunção *que* depois dos verbos *mandar, requerer, pedir, pensar, parecer*, e seus synonymos. Tem essa ellipse por vezes a vantagem de desembaraçar a phrase da demasiada repetição do connectivo *que*.

488. **Pleonasmo** é a figura de syntaxe que consiste na redundancia de expressão, ex.: «Vi *com os meus proprios olhos*».

**Obs.** — Quando o pleonasmo não traz energia á expressão, é vicioso, p. ex.: «Vi com os olhos, ouvi com os ouvidos, fui com os pés, morreu morte, pescar peixe, subir para cima, descer para baixo, sahir para fóra, entrar para dentro».

Porém si a estas expressões viciosas se accrescenta um modificativo qualquer, uma circumstancia ou comparação, a expressão adquire graça e virtude: «Vi com estes olhos, que a terra ha de comer, ouvi com os meus proprios ouvidos, fui com os meus proprios pés, morreu morte gloriosa, elle sabe pescar peixe, porém não sabe pescar homens, suba lá para cima, saia cá para fóra». *Morrerás de morte* é a expressão pleonastica com que o P.<sup>o</sup> A. Pereira de Figueiredo traduz a expressão da Vulgata: *morte morieris*, na qual ella procura dar a emphase do hebraico que duplica o verbo: *morrendo morrerás*. E', pois, um pleonasmo consagrado pelo uso religioso. No mesmo caso está a expressão biblica: «Este povo ouvirá com os ouvidos, e não entenderá».

### Expressões pleonasticas:

«Os sinos, já não ha quem os toque» (A. H.)—«Vi claramente visto o lume vivo» (C.)—«Sendo livre, mui isento viu dos olhos Catherina.» (B. Ribeiro)—«Ao qual recado elle *Hidalção* não respondera» (J. de Barros)—«Os olhos, esses seguiam lhes as almas» (A. H.)—«*Sabedor*, nunca o fui» (A. H.)—«O dia esse passava-o como embriagado na agitação tumultuosa de peregrino». (A. C.)—«A mim me parece» — «E que me importa a mim isso?» — «Eu sou bem informado que a embaixada que de teu reino me déste, *que é fingida*». (C.)

Devem entrar na classe de expressões pleonasticas as particulas e palavras expletivas que servem para dar

*realce* ou *relevo* á expressão: «Tu é que és nosso pae» (A. P.)—«Onde é que se escondeu a antiga fortaleza» (A. H.)—«Era aos capitães das hostes da Germania que os romanos imbelles davam o nome de reis» (A. H. apud E. Dias)—«O logar da scena e a epocha é que são inventados» (Ib.)—«Certo que não sei eu outra» (F. Lobo)—«Quasi que enlouqueci» (E. Dias)—«Si soubessem quão negra era a predestinação do poeta, por ventura que essa especie de culto se converteria em compaixão» (A. H.) «Desde o alvor da aurora que vos procuro» (G. — ap. E. D.)—«Oh! que é muito!» (A. H.)

489. **Anacolutho** é a figura de syntaxe em que um termo se acha como que solto na phrase, sem se ligar syntacticamente a outro: «Eu me parece que isto não vae direito».

#### **Exemplos de anacoluthos :**

«A terra em que tu morreres, nessa morrerai» (A. P.) — «Mudemos a casa que (= porque) vem quem (aquelle que) lhe doe a fazenda» (M. B.) «Quem lhe doe o dente, vá ao barbeiro» — «A innocencia, basta uma falta para perder (G.)—D. Manoel, ajudou-o muito a fortuna» (G.)—«Os tres reis orientaes, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da egreja que um era preto». (A. V.)

**Idiotismo** (*gr. idios=proprio*) é o termo ou dicção de uma lingua que não tem correspondente em outra lingua, ou, ainda, phrases peculiares que se apartam das normas da syntaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas.

Esses termos ou expressões idiomáticas, quando usados criteriosamente, são verdadeiras bellezas da lingua.

#### **Idiotismos lexicos:**

a) Entre estes devemos contar o **infinitivo pessoal**, que, fóra do portuguez, só o possui o **dialecto gallego**.

b) É um processo idiomatico a mudança do sentido de certas palavras pela mudança do seu **genero**, do seu **numero**, e, ainda, da sua **posição**, p. ex. : « A cabeça e o cabeça, a lingua e o lingua, o zelo e os zelos, a honra e as honras, homem grande e grande homem, homem simples e simples homem ».

c) O verbo **haver** empregado no singular com sujeito indeterminado pode ainda entrar como um idiotismo da lingua, como: *ha* homens, *howve* fructas. Na mesma classe entra a anteposição do **artigo** ao possessivo : *o* meu livro, *os* nossos pezares.

São idiotismos *convencionaes*, pois observam-se com essas palavras construcções analogas em outras linguas.

d) A palavra **saudade** não pode, em rigor, ser traduzida em outras linguas, por não ter equivalente.

### **Idiotismos phraseologicos :**

*Triste de mim, pobre do homem, coitadas dellas* — são phrases idiomaticas, expressivas, refractarias á analyse.

Os **anacoluthos**, sancionados por escriptores competentes, são idiotismos phraseologicos, que trazem ao dizer energia e belleza.

## SYNTAXE REGULAR

DE

### COLLOCAÇÃO

490. **Collocação** tambem chamada **construcção** ou **ordem** é a parte da syntaxe que estuda a posição dos termos na estrutura da phrase.

491. Ha, na collocação dos termos, uma ordem **analytica** que corresponde á sequencia logica das idéas, cuja combinação gera o pensamento expresso na phrase. Ha tambem uma ordem **synthetica** ou **fi-**

**gurada** que obedece mais ao movimento precipitado das paixões ou ás combinações estheticas dos sentimentos.

A ordem **analytica** mira a *clareza* na expressão do pensamento; a ordem **synthetica** tem em vista a *emoção* na expressão do sentimento.

A ordem **analytica** deve predominar nos discursos didacticos, na esphera pura da intelligencia; a ordem **synthetica** no dominio da arte, da literatura affectiva.

Ambas são naturaes, pois correspondem ambas ao estado psychico que exprimem.

492. Duas são as ordens em que podem estar os termos da proposição: — a **ordem directa** ou **analytica**, e a **ordem inversa, synthetica** ou **transposta**.

493. Na **ordem directa** os termos se collocam segundo suas relações de coordenação e dependencia, de accordo com as seguintes

### **Regras geraes :**

- 1.<sup>a</sup> O **sujeito** antes do predicado;
- 2.<sup>a</sup> O **predicado** immediatamente depois do sujeito;
- 3.<sup>a</sup> Os **complementos** depois da palavra regente;
- 4.<sup>a</sup> Os **adjectivos** junctos aos substantivos por elles modificados;
- 5.<sup>a</sup> A **ligação** entre os termos ligados.

Qualquer desvio desta ordem determina a **ordem inversa**.

### **Ordem directa** ou **analytica :**

« Espalharei as armas e os barões assignalados, por toda a parte, cantando, si engenho e arte ajudar-me a tanto ».



**Ordem inversa** ou **synthetica**:—«As armas e os barões assinalados, cantando, espalharei por toda a parte, si a tanto me ajudar engenho e arte» (C.)

494. Casos ha em que a correcção e a clareza exigem uma determinada ordem dos termos, e por isso convem observar a respeito da **collocação** as seguintes

### **Regras especiaes :**

1.<sup>o</sup> O **sujeito** **pospõe-se**, em geral, ao **predicado**:

a) Nas proposições **interrogativas**, quando não é elle representado pelos pronomes interrogativos **que** e **quem**: «*Está elle doente?*»—«*Fica essa taba?*» (G. D.)—«*Quem está ali?*»

b) Nas **proposições optativas** e **imperativas**: «*Seja elle feliz!*»—«*Faze tu o bem.*»

c) Nas proposições intercaladas: «*Tymbira, diz o indio enternecido, és um guerreiro illustre, um grande chefe*» (G. D.).

d) Quando o **predicado** é expresso por um verbo no infinitivo: «*E' tempo de falarem os factos*»—«*Acabado o discurso ou sendo acabado o discurso, desceu o orador da tribuna*»—«*Acabando o orador de falar ou tendo o orador acabado de falar, encerrou-se a sessão.*»

**Nota.**— Sendo *isto* sujeito dos participios *posto*, *supposto*, *obstante*, é mais commum a anteposição para evitar-se a collisão de consoantes fortes: «*Isto posto, prosigamos*»—«*Isto supposto, a nossa lingua conta nem mais nem menos que dezeseis diphthongos*» (S. Barbosa)—«*Isto não obstante, a construcção é das mais simples e agradaveis.*»

e) Em certas proposições de caracter **narrativo**: «*Corria o anno de nosso Senhor Jesus Christo de 1170, era Summo Pontifice Alexandre Terceiro, e Im-*

*perador da Allemanha Frederico I, chamado Barbarroxa* (L. de S.)—«Passaram annos: levantou-se o véo negro». (A. C.)

**Nota.**— Casos ha em que a inobservancia destas regras dá mais graça e energia á phrases: «Agora tu, Colloipe, me *ensina*» (C.)—«*O amor vende-se?*» «*A alma vende-se?*» (A. C.)—«*Tu não viste dos bosques a coma sem aragem vergar-se e gemer?*» (G. D.).

f) Em muitas proposições de sujeito **phraseologico**: «E' preciso *ter paciencia*» — «E' necessario *que elle venha*» — «*Convem que estudes*».

g) Quando o **predicado** é expresso pelo verbo **ser** em sentido absoluto: «Era *uma tarde de abril serena e fresco*».

h) Quando o **predicado verbal** é apassivado pelo pronome **se**: «*Cortam-se arvores*» — «*Concertam-se relogios*».

**Nota.**— A anteposição do predicado neste caso traz certa energia á expressão: «*O dia certo ignora-se ainda*» (Julio de Castilho)—«*O amor vende-se?*» (A. C.)

2.<sup>a</sup> Com o verbo **ser** na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo formam-se phrases idiomaticas em que o sujeito soffre interessante deslocação: «*Nós é que somos os verdadeiros patriotas*» — «*Os gentios é que se cançam com essas cousas*» (A. P.)

**Nota.**— *E' que* — é mera *expletiva*, que pode ser eliminada sem prejuizo do sentido, mas que serve para dar graça e energia á expressão, salientando o sujeito.

3.<sup>a</sup> Ha uma elegante deslocação idiomatica dos termos da proposição nas seguintes phrases: — «*Facil é isso de dizer e difficil de fazer*» — «*Velozes corriam os dias*» por — «*Os dias corriam velozes*» — «*Chegados que foram*» por — «*Logo que foram chegados*» — «*Damião e Pytheas, discipulos que foram do grande Pythagoras,*

abalizaram-se tanto na amizade», isto é, *que foram discipulos*, etc. .

4.<sup>a</sup>. Quando modificam o verbo varios **complementos**, aconselha a clareza e a elegancia distribuirem-se os complementos de modo que uns venham antes do predicado e outros depois, e entre estes seja collocado por ultimo o que mais longo for : «Dahi a alguns dias, *ouviram* que o amo se agastava com os criados» (M. B.)—«No meio da apothese dos interesses materiaes, cujo brado victorioso se eleva com o fumo do carvão fossil, que, exhalado de mil forjas, paira e negreja sobre todas as capitaes, é voa em longas faixas de cidade em cidade, annunciando por onde passa, que uma população inteira vence o espaço e a distancia com a rapidez do vento ; *seja permittido* ao homem que se gloria do seu tempo, mas que não julga dever por elle extasiar-se deante da locomotiva, entregar-se um pouco a meditações menos industriaes e positivas, e aproveitar assim algumas horas desta vida tão afaadigada, e ás vezes tão inutilmente cheia como o tonel das Danaides» (J. J. de Magalhães).

5.<sup>a</sup>. O **aposto** segue-se ao fundamental, como : «Liberdade, *nome sancto, meu primeiro doce canto, minha sacra aspiração* ». Todavia, no estylo elevado, não raro se transgride esta regra, por ex. : «*Herodes da moral publica*, a commissão revisora decretava a degolação de todos os innocentes ». (A. H.)

6.<sup>a</sup>. Os adjectivos **qualificativos** collocam-se facultativamente antes ou depois do substantivo por elles modificado ; ha, entretanto, a tendencia de se collocar *antes*, si é elle *explicativo*, e *depois*, si é *restrictivo* : «*A dura pedra e a vida dura* »—«*O branco leite e o vestido branco* » —*O rubro sol e a gravata vermelha* ».

**Nota.** — No estylo elevado e na linguagem proverbial ha mais liberdade : «*Agua molle em pedra dura* tanto dá até que fura ». Alguns adjectivos, entretanto, teem sua collocação obrigada *depois* ou *antes* do substantivo : *mão direita, codigo civil, gravata vermelha, mero homem*.

7.<sup>a</sup> Em muitos casos a anteposição ou posposição do qualificativo determina **mudança de sentido**, exs. :

Bom homem (homem ingenuo)	homem bom (de boas qualidades)
Rico homem (homem nobre)	homem rico (homem indinheirado)
Grande homem (homem eminente)	homem grande (homem alto)
Pobre homem (homem infeliz)	homem pobre (homem sem dinheiro)
Simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
Sancto homem (homem bom)	homem sancto (homem sem mancha)
Verdadeiro homem (homem real)	(homem verdadeiro (homem veraz)
Certo relógio	relógio certo
Varios meninos	meninos varios
Differentes cousas	cousas differentes.

8.<sup>a</sup> Os **adjectivos determinativos**, em geral, se *antepõem* ao substantivo por elles modificados: *O* homem, *este* livro, *minha* patria, *tres* arvores, *alguns* amigos.

9.<sup>a</sup> A's vezes se *pospõe* o **determinativo**, dando ao dizer graça, energia e, até, sentido diverso, exs.: «Homem *este* que eu não conheço» — «Que dureza *essa*!» — «Filho *meu*, dá-me o teu coração» (A. P.) — «Venturas *mil*» — «Homem *algum* nos deu tanto trabalho» — Elle *mesmo*» — «Volume *primeiro*».

**Nota.** — A posposição do *possessivo* dá ternura á expressão, e *algum* posposto torna a phrase negativa, como se vê nos exemplos dados.

10.<sup>a</sup> Os **cardinaes** *pospõem-se* ao substantivo quando por brevidade se empregam pelos ordinaes: «Pagina *dous*, a casa *vinte e um*», por «pagina *segunda*, a casa *vigesima primeira*».

11.<sup>a</sup> A posposição dos **ordinaes** é de rigor quando indicam a successão de reis e papas: *Pedro II* (*segundo*), *Leão X* (*decimo*).